

Língua Portuguesa e Literatura

Aluno

Caderno de Atividades Pedagógicas de Aprendizagem Autorregulada – 03

3ª Série | 3º Bimestre

Disciplina	Curso	Bimestre	Série
Língua Portuguesa	Ensino Médio	3º	3ª
Habilidades Associadas			
1. Identificar os provérbios africanos como histórias-sínteses que traduzem uma moral.			
2. Reconhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural pelo estudo das lendas indígenas e africanas.			
3. Identificar marcas linguísticas e recursos expressivos usados pelo autor que traduzam elementos da cosmovisão africana e indígena: concepção de universo, de vida e de sociedade.			
4. Identificar o papel argumentativo dos conectivos e usá-los de modo a garantir coesão ao texto.			

Apresentação

A Secretaria de Estado de Educação elaborou o presente material com o intuito de estimular o envolvimento do estudante com situações concretas e contextualizadas de pesquisa, aprendizagem colaborativa e construções coletivas entre os próprios estudantes e respectivos tutores – docentes preparados para incentivar o desenvolvimento da autonomia do alunado.

A proposta de desenvolver atividades pedagógicas de aprendizagem autorregulada é mais uma estratégia pedagógica para se contribuir para a formação de cidadãos do século XXI, capazes de explorar suas competências cognitivas e não cognitivas. Assim, estimula-se a busca do conhecimento de forma autônoma, por meio dos diversos recursos bibliográficos e tecnológicos, de modo a encontrar soluções para desafios da contemporaneidade, na vida pessoal e profissional.

Estas atividades pedagógicas autorreguladas propiciam aos alunos o desenvolvimento das habilidades e competências nucleares previstas no currículo mínimo, por meio de atividades roteirizadas. Nesse contexto, o tutor será visto enquanto um mediador, um auxiliar. A aprendizagem é efetivada na medida em que cada aluno autorregula sua aprendizagem.

Destarte, as atividades pedagógicas pautadas no princípio da autorregulação objetivam, também, equipar os alunos, ajudá-los a desenvolver o seu conjunto de ferramentas mentais, ajudando-o a tomar consciência dos processos e procedimentos de aprendizagem que ele pode colocar em prática.

Ao desenvolver as suas capacidades de auto-observação e autoanálise, ele passa a ter maior domínio daquilo que faz. Desse modo, partindo do que o aluno já domina, será possível contribuir para o desenvolvimento de suas potencialidades originais e, assim, dominar plenamente todas as ferramentas da autorregulação.

Por meio desse processo de aprendizagem pautada no princípio da autorregulação, contribui-se para o desenvolvimento de habilidades e competências fundamentais para o aprender-a-aprender, o aprender-a-conhecer, o aprender-a-fazer, o aprender-a-conviver e o aprender-a-ser.

A elaboração destas atividades foi conduzida pela Diretoria de Articulação Curricular, da Superintendência Pedagógica desta SEEDUC, em conjunto com uma equipe de professores da rede estadual. Este documento encontra-se disponível em nosso site www.conexaoprofessor.rj.gov.br, a fim de que os professores de nossa rede também possam utilizá-lo como contribuição e complementação às suas aulas.

Estamos à disposição através do e-mail curriculominimo@educacao.rj.gov.br para quaisquer esclarecimentos necessários e críticas construtivas que contribuam com a elaboração deste material.

Secretaria de Estado de Educação

Caro aluno,

Neste caderno, você encontrará atividades diretamente relacionadas a algumas habilidades e competências do 3º Bimestre do Currículo Mínimo de Língua Portuguesa e Literatura da 3ª Série do Ensino Médio. Estas atividades correspondem aos estudos durante o período de um mês.

A nossa proposta é que você, aluno, desenvolva estas Atividades de forma autônoma, com o suporte pedagógico eventual de um professor, que mediará as trocas de conhecimentos, reflexões, dúvidas e questionamentos que venham a surgir no percurso. Esta é uma ótima oportunidade para você desenvolver a disciplina e independência indispensáveis ao sucesso na vida pessoal e profissional no mundo do conhecimento do século XXI.

Neste Caderno de Atividades, vamos aprender sobre a cosmovisão africana e indígena, assim como lendas e provérbios. Além disso, iremos conhecer as principais características, marcas lingüísticas e recursos expressivos expressos pela literatura africana e indígena. Por último, iremos reforçar o estudo de conectores e coesão textual, assim como tese e argumento em texto dissertativo-argumentativo.

Este documento apresenta 08 (oito) aulas. As aulas podem ser compostas por uma **explicação base**, para que você seja capaz de compreender as principais ideias relacionadas às habilidades e competências principais do bimestre em questão, e **atividades** respectivas. Leia o texto e, em seguida, resolva as Atividades propostas. As Atividades são referentes a um tempo de aula. Para reforçar a aprendizagem, propõe-se, ainda, uma **avaliação** e uma **pesquisa** sobre o assunto.

Um abraço e bom trabalho!

Equipe de Elaboração

Sumário

✚ Introdução	3
✚ Aula 1: A maneira de ser do africano	5
✚ Aula 2: A maneira de ser do indígena	10
✚ Aula 3: Lendas e provérbios africanos e indígenas	14
✚ Aula 4: Características da literatura africana e indígena.....	17
✚ Aula 5: Os conectores e a coesão textual.....	24
✚ Aula 6: Tese e argumento.....	31
✚ Avaliação	37
✚ Pesquisa	39
✚ Referência	40

Aula 1: A maneira de ser do africano

Nesta aula, conheceremos um pouco sobre a maneira de ser, viver e pensar dos povos africanos. Conheceremos o que é importante e tem bastante valor: natureza, ancestrais, o sagrado, por exemplo. Vamos, então, iniciar nossa aula conhecendo o sistema pessoal de idéias: a cosmovisão.

Você já ouviu falar em COSMOVISÃO?

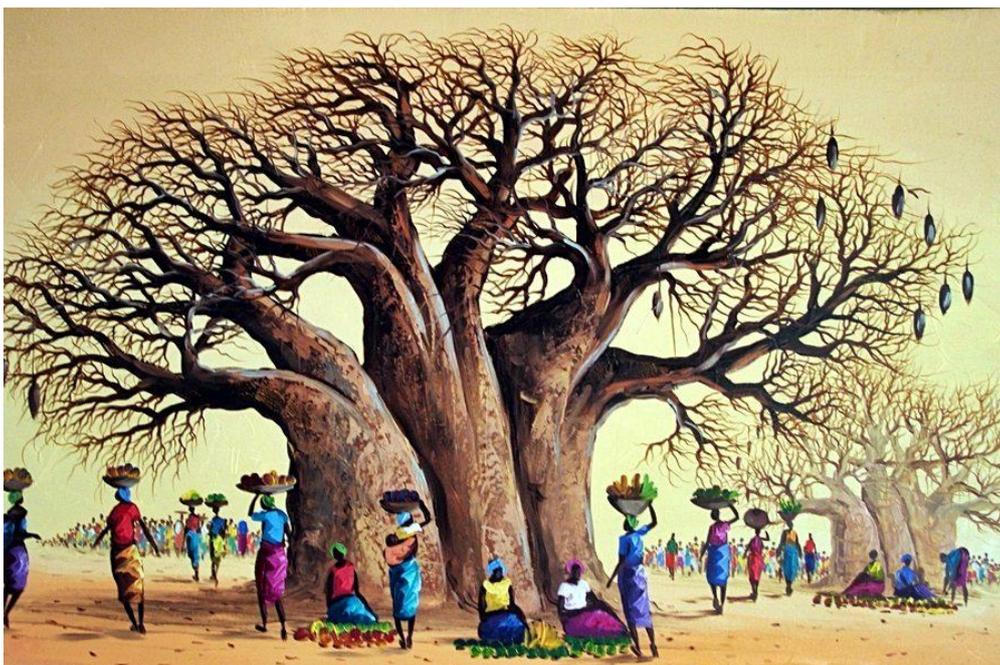
A palavra cosmovisão significa ter um sistema pessoal de ideias e sentimentos acerca do universo e do mundo e de como deve agir para transformá-lo. Tanto na cultura africana, como veremos na indígena, a concepção de mundo é uma concepção de relação de forças *naturais, sobrenaturais, humanas e cósmicas*.

Forças naturais: a importância da Natureza

As árvores, as pedras, as montanhas, os astros e planetas, exercem influência sobre a Terra e a vida dos humanos, e vice-versa. Enquanto os europeus queriam dominar as coisas indiscriminadamente, os **africanos** (e indígenas) davam importância a elas, pois tinham consciência de que elas faziam parte de um ecossistema necessário à sua própria sobrevivência. As preces e orações feitas a uma árvore, antes de ela ser derrubada, era uma atitude simbólica de respeito à existência daquela árvore, e não a manifestação de uma crença de que ela tinha um espírito como dos humanos.

A força do BAOBÁ – ÁRVORE SAGRADA

A árvore é um dos símbolos fundamentais das culturas africanas tradicionais. Os velhos baobás africanos de troncos enormes suscitam a impressão de serem testemunhas dos tempos imemoriais. Os mitos e o pensamento mágico-religioso yorubá têm na simbologia da árvore um de seus temas recorrentes. Na sua cosmogonia (criação do mundo), a árvore surge como o princípio da conexão entre o mundo sobrenatural e o mundo material.



Disponível em: <http://www.geledes.org.br/geledes/gelede/170-o-que-e-gelede/10322-baoba-arvore-simbolo-fundamental-das-culturas-africanas-tradicionais>

Forças humanas: *Griots* - a sabedoria dos ancestrais

Na tradição africana, são os *griots*, não os livros, que transmitem a história de um povo ao longo dos tempos, eles são os guardiões da memória. Originado da expressão francesa, o termo ***griot***, na cultura africana, significa contador de histórias, função designada ao ancião de uma tribo, conhecido por sua sabedoria e transmissão de conhecimento;



figura presente na África tribal que percorre a savana para transmitir, oralmente, ao povo fatos de sua história; é o agente responsável pela manutenção da tradição oral dos povos africanos, cantada, dançada e contada através dos mitos, das lendas, das cantigas, das danças e das canções épicas; é aquele que mantém a continuidade da tradição oral, a fonte de saberes e ensinamentos e que possibilita a integração de homens e mulheres, adultos e crianças no espaço e no tempo e nas tradições; é o poeta, o mestre, o estudioso, o músico, o dançarino, o conselheiro, o preservador da palavra.

Disponível em: http://www.substantivoplural.com.br/griots_livro.pdf

A seguir, você entrará em contato com alguns textos da cosmovisão africana.

Atividade 1

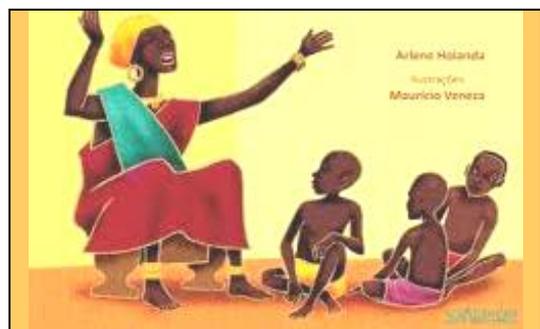
Leia o fragmento abaixo do escritor africano Amadou Hampâte Ba:

“O saber é uma luz que existe no homem. É a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais puderam conhecer e que se encontra latente em tudo que nos transmitiram, assim como o *baobá* já existe em potencial em sua semente.”

1. A que tipo de saber refere-se Amadou Hampâteu Ba quando em seu pensamento?

2. Você pôde ver a importância que os ancestrais e os velhos possuem para o povo africano. O mesmo ocorre nos povos indígenas em que a figura do velho é altamente respeitada. Enquanto isso, para a sociedade brasileira como um todo, leis de proteção ao idoso precisaram ser feitas, uma vez que a sociedade, por si só, não foi capaz de desenvolver uma cultura de valorização do idoso. Você acha que a valorização das culturas africanas e indígenas poderia influenciar positivamente nesta questão? Comente.

3. Leia o pequeno trecho retirado do poema “Aqui, na areia”, de Alda do Espírito Santo, poeta africana de São Tomé:



<http://www.exaworld.biz/blog/o->

(...) Eu queria ver à volta de mim,

(...) uma legião de cabecinhas pequenas,
à roda de mim,
num vôo magistral em torno do mundo
desenhando na areia
a senda de todos os destinos
pintando na grande tela da vida
uma história bela.

3. Qual relação pode ser feita entre o texto da poeta Alda do Espírito Santo e o conteúdo desta aula? Diga em que parte do texto da poetisa você pode enxergar elementos estudados por você.

4. Em que parte da poesia se vê que as histórias orais representam uma tradição que buscavam transmitir princípios e valores da vida africana de geração para geração?

5. Leia o trecho do sociólogo Gilberto Freire:

“Todo brasileiro, mesmo alvo de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo (...) a sombra ou pelo menos a pinta do indígena e do negro.”

Gilberto Freire afirma que todo brasileiro traz uma herança indígena ou africana, ainda que não genética. Explique tal afirmativa.

Aula 2: A maneira de ser do indígena

Agora vamos conhecer um pouco do universo indígena, de sua cultura.

Os rituais, os cânticos, as cerimônias festivas, a arte da pintura, enfeites e vestimentas (cada qual própria para um momento), as pinturas corporais, pinturas em utensílios domésticos, a ritualística utilização das cores, tudo isso e tantas outras atividades são as bases da maneira de ser do indígena e de sua literatura, assim como vimos na africana. Tradicionalmente, a literatura indígena frui sua cultura nas manifestações literárias da oralidade, onde a contação de histórias é também um forte pilar, para o compartilhamento de saberes e valores às novas gerações. É nesse momento em que a palavra habitada de valores, assume seu poder maior, pois como canal de comunicação, exerce sua plena função de transmitir aos demais todo o imaginário individual ou coletivo, referente a cada povo.

O fato de vários indígenas estarem escrevendo e publicando livros hoje, mostra o quanto caminham por diversas formas possíveis para sua autonomia política, econômica e cultural. Os indígenas não estão parados no tempo, estão evoluindo e buscando à sua maneira formas de permanecerem existentes sem serem obrigados a dispensar toda uma tradição cultural milenar.

Adaptado de: “A Literatura Indígena e o respeito à pluralidade cultural brasileira”.

Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3585037>



Um exemplo dessa situação de autores índios é Daniel Munduruku. Nascido na Aldeia Maracanã, no Pará, o índio e escritor Daniel Munduruku se dedica a escrever livros para jovens e crianças que transmitam, sem estereótipos, a verdadeira realidade do índio brasileiro. Inspirado em sua própria história de vida, em pesquisas sobre outros povos e, principalmente, nas perguntas que ouvia das crianças quando era professor e contador de histórias, Daniel passou a colocar valores indígenas no papel. “Trata-se de um instrumento de memória e afirmação da identidade”.

Disponível em:

<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/daniel-munduruku-indio-brasileiro-livro-505768.shtml>

Atividade 2

Vamos conhecer um texto escrito por Daniel Munduruku?

ACERTANDO AS PALAVRAS

As palavras sempre trazem um significado escondido dentro delas. Às vezes, é um sentido positivo, outras, negativo.

(...) A palavra é capaz de construir ou destruir, levantar ou derrubar, alegrar ou entristecer, abençoar ou amaldiçoar. Ela é um instrumento poderoso e foi usada muitas vezes para convencer pessoas de idéias que elas nem sempre acreditavam.

Na tradição religiosa cristã está escrito que “a Palavra se fez carne, para habitar em nós”.

Entre alguns povos indígenas, como os Guarani, diz-se que nenhuma palavra deve sair de nossa boca se não for para edificar, se não for para dizer a verdade. Para alguns índios, a palavra é como um pássaro que quando é libertado ninguém mais consegue prender. Por isso é preciso tomar cuidado quando formos libertá-lo...

Para início de conversa, é muito importante determinarmos algumas diferenças que existem quando chamamos alguém de “índio!”. Não é muito adequado o uso desse termo, pois ele generaliza demais, não apresentando todas as diferenças que existem entre os grupos indígenas brasileiros.

Historicamente, os habitantes de nossa terra foram denominados “índios” quando os europeus chegaram para conquistá-la. Eles “achavam que tinham encontrado as Índias”, para onde tinham saído atrás de alguns produtos que eram muito consumidos em Portugal e que geravam grandes disputas no comércio local.

Motivados certamente por isso, eles passaram a chamar esses habitantes nativos assim. A palavra “índio” foi avançando na história e acabou chegando até nossos dias, muitas vezes para lembrar o exotismo dos povos e, com isso, determinar a inferioridade do índio em relação ao branco. Eis aí um exemplo de ode a palavra refletiu um modo de pensar.

Poderíamos avançar ainda um pouco mais e mudarmos esse história, chamando esses povos pelos nomes com os quais são mais conhecidos: os Ma Kuxi, os Yanomami...

Mas em sempre o nome mais conhecido de um povo corresponde à sua autodenominação. Em muitos casos, esses nomes foram dados por outros povos indígenas, por missionários, colonizadores e outros “brancos”, que desconheciam a língua desses povos. Mesmo assim, ao usar esses nomes seremos mais fiéis à história dos povos que já estavam aqui antes mesmo de esta terra ser chamada Brasil.

Você sabia que “povo”, “nação” ou “etnia” são palavras mais adequadas do que “tribo”? Isso porque elas expressam melhor a diversidade étnica, cultural, social e linguística dos nativos brasileiros.

Fonte: MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**. São Paulo: Callis, 2006, p.12-13.

1. Para o autor, a palavra “índio”, nos dias de hoje, geralmente tem um valor pejorativo, que desvaloriza o índio. Como a expressão “programa de índio” pode comprovar isto?

2. Por que a palavra “tribo” não é tão adequada quanto “povo”, “nação” ou “etnia” quando se fala dos indígenas?

3. Em sua opinião, é preferível chamar um povo indígena pelo nome dado por outros povos indígenas do que pelo nome dado pelos colonizadores e missionários brancos? Isto realmente expressa melhor a história dos povos indígenas? Por quê?

4. O título do texto “Acertando as palavras” explica em que situação a palavra índio surgiu e foi empregada para se referir aos povos indígenas. Releia o segundo parágrafo e dê exemplos de:

a) Um apelido que pode magoar a pessoa.

b) Palavras para alegrar e outras para entristecer.

c) Palavras para abençoar.

d) Palavras que possam deixar a pessoa mais animada para enfrentar um problema.

Aula 3: Lendas e provérbios africanos e indígenas

Certamente você ouve muito falar na palavra cultura. Cultura local, cultura regional e cultura nacional. Será que você sabe exatamente o que significa a palavra CULTURA?

Cultura é um conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo.

Logo, todo povo tem suas manifestações culturais, isto é, uma maneira própria de ver o mundo e expressá-lo. Por isso, é fundamental percebermos os conceitos e as visões de mundo dos povos dos quais somos constituídos. Nesta aula e na próxima você irá conhecer um pouco do patrimônio cultural e histórico que os povos indígenas e africanos nos proporcionaram.

Agora, especificamente, vamos conhecer o significado da palavra lenda e provérbio, textos da tradição oral.

A lenda

Lenda é uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos. O objetivo da lenda é tentar explicar fatos desconhecidos, misteriosos (como a criação do mundo, por exemplo). É comum encontrarmos fatos sobrenaturais misturados aos fatos reais.

Os provérbios

Como as lendas, os provérbios também são transmitidos através da tradição oral. São textos que têm a finalidade de transmitir conhecimentos comuns sobre a vida. Os provérbios são frutos da experiência dos indivíduos que observam a recorrência de determinados fatos e a resume em um texto (o provérbio), por exemplo, o provérbio africano abaixo:

"Um leão não se vira quando um cachorrinho late."

"Se quer saber o final, preste atenção no começo."

Atividade 3

Conheça a seguir o texto *Lenda do Dilúvio* e alguns provérbios

Texto referente às atividades 1, 2 e 3.

LENDA DO DILÚVIO (lenda indígena)

Há muito tempo atrás existiu um venerando homem chamado Tamandaré que ouvira dizer pela própria boca de Tupã (Deus) que o mundo ia ser inundado. Começou então a chover torrencialmente e as águas já alcançavam os mais altos montes. No cume de um deles ostentava uma alterosa palmeira. No olho dela, procuraram refúgio. Tamandaré e a sua família alimentaram-se durante o domínio das águas com os seus saborosos frutos. Quando as águas baixaram, Desceram e repovoaram a terra.

Disponível em: <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Lenda010.html>

QUESTÃO 01

Há muito tempo atrás (...)

Esta oração expressa a noção de tempo. Em relação ao momento é possível dizermos que é:

- a) anterior e determinado
- b) anterior e indeterminado
- c) posterior e indeterminado
- d) simultâneo e indeterminado

QUESTÃO 02

Se pensarmos que as lendas tentam explicar determinados mistérios que são, na verdade, do próprio ser humano. Desse modo, podemos observar que os textos se relacionam. Assim, a lenda acima se relaciona com um mito:

- a) grego
- b) egípcio
- c) africano
- d) bíblico

Questão 03

No cume de um deles ostentava uma alterosa palmeira. (3ª linha)

a) Reescreva o trecho, substituindo as palavras destacadas por outras equivalentes.

Observe o contexto.

b) O pronome demonstrativo deles substitui que palavra mencionada anteriormente?

QUESTÃO 04

Explique o sentido dos provérbios africanos abaixo.

a) Aquele que não sabe dançar irá dizer: as batidas dos tambores estão ruins.

b) Sem vingança, os males do mundo um dia serão extintos.

c) O macaco mesmo coberto com pelo dum carneiro, é sempre macaco.

Questão 05

Da lista abaixo, indique as palavras que resumem os provérbios.

(1) Paciência (2) Equilíbrio (3) Prudência

a) Não pise no rabo do cachorro e ele não o morderá. ()

b) Pouco a pouco a lagarta consegue devorar a folha da árvore. ()

c) Coisa madura demora a crescer, coisas frágeis morrem. ()

Aula 4: Características da literatura africana e indígena

Vimos na aula anterior que a cultura é a manifestação artística de um povo. A literatura, por exemplo, é a manifestação artística que usa a palavra. E para que os autores traduzam em palavras as características culturais mais expressivas de determinado povo, precisam conhecer as concepções de universo, de vida e de sociedade de determinado povo. Ou seja, precisam conhecer o que esse povo valoriza, deseja, sofre, enfim, conhecer a cosmovisão. Veja a seguir as principais temáticas da literatura africana e indígena que são exploradas pelos autores em suas obras: contos, romances, poemas.

Culto aos ancestrais (antepassados) e socialização

Sintetiza todos os elementos que estruturam a cosmovisão africana e indígena, fazendo uma ponte imediata com a história e a memória no desejo de não esquecer o passado. Sintetiza também o momento de reunião, de socialização.

Veja abaixo um exemplo da literatura africana:

“– Venham: papá teve um sonho!

E nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas. Taímo recebia notícia do futuro por via dos **antepassados**.”

(Mia Couto – autor moçambicano)

No fragmento, percebemos todos sendo chamados para ouvir o pai, a pessoa mais velha, ou seja, se juntar para ouvir o que os antepassados revelavam.

Religiosidade e Mito de Criação

Os cultos religiosos tradicionais da África voltavam-se, em linhas gerais, aos antepassados ou a divindades da Natureza.

Já mito de criação é uma narrativa simbólica pertencente a uma cultura, tradição ou povo, que descreve o seu mais remoto início, origem, nascimento.

Exemplo: Mito de Criação africano

Olorum, deus supremo, criou o mundo, todas as águas e terras e todos os filhos das águas e do seio das terras. Criou plantas e animais de todas as cores e tamanhos. Quase toda a espécie de vida foi criada por ele. Quase, pois o homem não foi criação dele, foi criação de Oxalá, a pedido de Olorum.

Exemplo: Mito de Criação indígena

A figura primária na maioria das lendas guaranis da criação é Iamandu (ou Nhanderu ou Tupã), o deus Sol e realizador de toda a criação. Com a ajuda da deusa Iua Araci, Tupã desceu a Terra num lugar descrito como um monte na região do Aregúa, Paraguai, e deste local criou tudo sobre a face da Terra, incluindo o oceano, florestas e animais. Também as estrelas foram colocadas no céu nesse momento. Tupã então criou a humanidade em uma cerimônia elaborada, formando estátuas de argila do homem e da mulher com uma mistura de vários elementos da natureza. Depois de soprar vida nas formas humanas, deixou-os com os espíritos do bem e do mal e partiu.

Liberdade

Sintetiza um dos maiores anseios do povo africano e indígena, que tanto sofreram com seu passado de colonização e/ou escravidão.

Veja abaixo exemplo da literatura brasileira, expressando esse anseio de liberdade:

<p>“Lá na úmida senzala, Sentado na estreita sala, Junto ao braseiro, no chão, Entoa o escravo o seu canto,</p>	<p>“Tupã, ó Deus grande! Cobriste o teu rosto Com denso velame de penas gentis; E jazem teus filhos clamando vingança Dos bens que lhes deste da perda infeliz!”</p>
--	--

<p>E ao cantar correm-lhe em pranto Saudades de seu torrão...”</p> <p>Castro Alves</p>	<p>Gonçalves Dias</p>
--	-----------------------

Identidade nacional

Sintetiza um conjunto de sentimentos que fazem com que um indivíduo se sinta parte integrante de uma sociedade ou nação.

Língua

A língua é um importante elemento na constituição da identidade de um povo. Ela permite reconhecer membros da comunidade, diferenciar estrangeiros e transmitir tradições. Como os povos africanos e indígenas foram colonizados, muito de seus idiomas ou dialetos de origem foram “substituídos” pela língua do colonizador.

Exemplo de identidade e língua na literatura africana:

– O seu nome é Tsotsi. Bartolomeu Tsotsi.
– Quem lhe contou isso? De certeza que foi o cabrão do Administrador.
Acabrunhado, Bartolomeu aceitou. Primeiro, foram os outros que lhe mudaram o nome, no baptismo. Depois, quando pôde voltar a ser ele mesmo, já tinha aprendido a ter vergonha de seu nome original. Ele se colonizara a si mesmo. E Tsotsi dera origem a Sozinho [Bartolomeu Sozinho].

Mia Couto

Fonte: **Venenos de Deus, remédios do diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba**. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2008.

A seguir, vamos conhecer um fragmento do primeiro capítulo do romance de Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, e vamos observar algumas características citadas nesta aula: identidade, culto aos ancestrais, valorização da natureza.

Atividade 4

Leia o fragmento do primeiro capítulo do romance africano TERRA SONÂMBULA, do autor moçambicano MIA COUTO. Em seguida, responda as questões.

Primeiro Caderno de Kindzu

O Tempo em Que o Mundo Tinha a Nossa Idade

Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a estória, me apago a mim. No fim destes escritos, serei de novo uma sombra sem voz.

Sou chamado de Kindzu. É o nome que se dá às palmeiritas mindinhas, essas que se curvam junto às praias. Quem não lhes conhece, arrependidas de terem crescido, saudosas do rente chão? Meu pai me escolheu para esse nome, homenagem à sua única preferência: beber sura, o vinho das palmeiras. Assim era o velho Taímo, solitário pescador. Primeiro, ele ainda esperava que o tempo trabalhasse a bebida, dedicado nos proibidos serviços de fermentar e alambicar. Depois, nem isso: simplesmente cortava os rebentos das palmeiras e ficava deitado, boquinhaberto, deixando as gotas pingar na concha dos lábios. Daquele modo, nenhum cipaio lhe apertaria os engasganetes: ele nunca destilava sura. Vida boa, aconselhava ele, é chupar manga sem descascar o fruto.

Nesse entretempo, ele nos chamava para escutarmos seus imprevistos improvisos. As estórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo. Nenhuma narração tinha fim, o sono lhe apagava a boca antes do desfecho. Éramos nós que recolhíamos seu corpo dorminhoso. Não lhe deitávamos dentro da casa: ele sempre recusara cama feita. Seu conceito era que a morte nos apanha deitados sobre a moleza de uma esteira. Leito dele era o puro chão, lugar onde a chuva também gosta de deitar. Nós simplesmente lhe encostávamos na parede da casa. Ali ficava até de manhã. Lhe encontrávamos coberto de formigas. Parece que os

insectos gostavam do suor docicado do velho Taímo. Ele nem sentia o corrupio do formigueiro em sua pele.

– Chiças: transpiro mais que palmeira!

Proferia tontices enquanto ia acordando. Nós lhe sacudíamos os infatigáveis bichos. Taímo nos sacudia a nós, incomodado por lhe dedicarmos cuidados.

Meu pai sofria de sonhos, saía pela noite de olhos transabertos. Como dormia fora, nem dávamos conta. Minha mãe, manhã seguinte, é que nos convocava:

– Venham: papá teve um sonho!

E nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas. Taímo recebia notícia do futuro por via dos antepassados. Dizia tantas previsões que nem havia tempo de provar nenhuma. Eu me perguntava sobre a verdade daquelas visões do velho, estorinhador como ele era.

– Nem duvidem, avisava mamã, suspeitando-nos.

E assim seguia nossa criancice, tempos afora. Nesses anos ainda tudo tinha sentido: a razão deste mundo estava num outro mundo inexplicável. Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos. Recordo meu pai nos chamar um dia. Parecia mais uma dessas reuniões em que ele lembrava as cores e os tamanhos de seus sonhos. Mas não. Dessa vez, o velho se gravatara, fato e sapato com sola. A sua voz não variava em delírios. Anunciava um facto: a Independência do país. Nessa altura, nós nem sabíamos o verdadeiro significado daquele anúncio. Mas havia na voz do velho uma emoção tão funda, parecia estar ali a consumação de todos seus sonhos. Chamou minha mãe e, tocando sua barriga redonda como lua cheia, disse:

– Esta criança há - de ser chamada de Vinticinco de Junho. Vinticinco de Junho era nome demasiado. Afinal, o menino ficou sendo só Junho. Ou de maneira mais mindinha: Junhito. Minha mãe não mais teve filhos. Junhito foi o último habitante daquele ventre.

O tempo passeava com mansas lentidões quando chegou a guerra. Meu pai dizia que era confusão vinda de fora, trazida por aqueles que tinham perdido seus privilégios.

No princípio, só escutávamos as vagas novidades, acontecidas no longe. Depois, os tiroteios foram chegando mais perto e o sangue foi enchendo nossos medos. A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava

agora em todos os rios da nossa alma. De dia já não saímos, de noite não sonhávamos. O sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos. (...)

Vocabulário

Sura: aguardente feita dos rebentos de palmeira.

Cipaio: polícia negro no tempo colonial.

Engasganetes: ficar preso dentro do cano de arma de fogo

Chiças: expressão que significa irritação, protesto.

1) Dentro dos vários elementos da cosmovisão do povo africano, há uma relação muito forte com a natureza. Retire do texto exemplos dessa relação.

2) O que significa para a cultura africana o trecho sublinhado “Nesse entretempo, ele nos chamava para escutarmos seus imprevistos improvisos”?

3) O respeito à ancestralidade é tema recorrente nas narrativas que resgatam as raízes africanas. Retire do texto uma passagem que faça referência à ancestralidade.

4) Explique o significado dos nomes dos filhos de Taímo: **Kindzu e Junho**.

5) Qual dos nomes acima tem relação com a africanidade, com a identidade de Moçambique, da África? Justifique.

6) Reconheça qual dos aspectos da cosmovisão africana aparece destacado no trecho:
“E nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas.”

- (a) Ancestralidade.
- (b) Musicalidade.
- (c) Religiosidade.
- (d) Socialização.
- (e) Oralidade.

Aula 5: Os Conectores e a Coesão textual

Chamamos de conectivos certas palavras que são usadas para fazer a ligação entre ideias e fazer a progressão do texto. São conhecidas como elementos de coesão. Quando se quer explicar algo, podemos iniciar esta oração explicativa por **porque**, **pois**; quando queremos mostrar uma ideia adversa ao que se está falando, iniciaremos a adversativa com: **mas**, **porém**, **contudo**, **entretanto**. Assim, a cada nova decisão tomada pelo autor, ele utilizará um conectivo que iniciará esta ideia.

Em sua maioria estas palavras são conjunções (coordenadas e subordinadas), e foram estudadas no bimestre passado. Os operadores argumentativos são utilizados para introduzir vários tipos de argumentos. Os mais comuns são:

- Operadores que introduzem argumentos que se somam a outro, tendo em vista a mesma conclusão: e, nem, também, não só... mas também, além disso etc.
- Operadores que introduzem enunciados que exprimem conclusão ao que foi expresso anteriormente: logo, portanto, então, conseqüentemente etc.
- Operadores que introduzem argumentos que se contrapõe a outro visando a uma conclusão contrária: mas, porém, todavia, embora, ainda que, apesar de etc.
- Operadores que introduzem argumentos que trazem uma ilustração, um esclarecimento: por exemplo, só para ilustrar, só para exemplificar, isto é, quer dizer, em outras palavras, ou por outra, a saber, ou seja, aliás.
- Operadores que introduzem argumentos resumitivos: com isso, assim sendo, visto isso, considerando isso, isso posto, desse modo, dessa maneira, assim sendo etc.
- Operadores que estabelecem relações de comparação: mais que, menos que, tão... quanto, tão... como, como etc.
- Operadores que estabelecem relação de justificativa, explicação em relação a enunciado anterior: pois, porque, que etc.
- Operadores cuja função é introduzir enunciados pressupostos: agora, ainda, já, até etc.
- Operadores cuja função é introduzir enunciados, que visa esclarecer um enunciado anterior: isto é, em outras palavras, seja, etc.

- Operadores cuja função é orientar a conclusão para uma afirmação ou negação: quase, apenas só, somente, etc.

Na parte prática desta aula, trabalharemos com textos em que veremos o uso desses conectivos.

Atividade 5

1. Continue o texto, considerando os conectivos iniciais de cada parágrafo para o direcionamento de suas ideias:

Nos últimos tempos, temos assistido a inúmeros conflitos internacionais. São levantes civis em busca de liberdade que acabam por acarretar muitas mortes. Quando olhamos para o nosso país, vemos o quanto estamos longe de realidades sem propósitos como essas. Mas uma coisa é verdade: temos motivo para mortes aqui também.

Se pensarmos nos acidentes de trânsito, ficaremos chocados com os números... Em 2012, foram 40.610 mortes, segundo o Ministério da Saúde, número quase 7,5% maior que o registrado em 2009. De acordo com o Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), entre 2002 e 2010, o número total de óbitos por acidentes com transporte terrestre cresceu 24%: passou de 32.753 para 40.610 mortes. Com base nesses números, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o Brasil como 5º. País do mundo em mortes no trânsito.

Além disso,

Sendo assim,

2. Leia o artigo “Cinco equívocos sobre a cultura indígena brasileira”, veiculado no site www.conexaoaluno.rj.gov.br, e indique em que sentido os articuladores grifados foram utilizados.

PRIMEIRO EQUÍVOCO: O ÍNDIO GENÉRICO

A maioria das pessoas imagina que os índios têm uma única cultura, que compartilham das mesmas crenças e língua. Esse pensamento não é verdadeiro. Se fosse, os índios TUKANO, DESANA, MUNDURUKU, WAIMIRI-ATROARI deixariam de ser eles mesmos para se transformarem no “índio genérico”. Cada povo tem língua, religião, arte e ciência próprias.

Hoje, vivem no Brasil mais de 200 etnias, que falam mais de 180 línguas, com grau de comunicação variável. A diferença que pode existir, por exemplo, entre a língua macuxi e a ingaricó (ambas do tronco linguístico karib) é comparável às diferenças entre o português e o espanhol. ***Mas*** quando as línguas são de troncos diferentes, a comunicação fica bem mais difícil. ***Como*** se conversassem um alemão e um brasileiro. Complicado...

SEGUNDO EQUÍVOCO: CULTURAS ATRASADAS

Quem considera as culturas indígenas como atrasadas e primitivas esquece que os índios produziram saberes, literatura, poesia, religião etc. As línguas indígenas foram consideradas pelos colonizadores como inferiores. Ora, todo linguista afirma que qualquer língua é capaz de transmitir qualquer ideia e sentimento. Isso significa dizer que não existe língua melhor que a outra. O que existe é a confusão entre a língua e o seu falante, que nas estruturas sociais podem ocupar posições mais ou menos privilegiadas.

As religiões eram consideradas apenas conjuntos de superstições. Basta entrar em contato com a cultura indígena para saber que esta opinião é preconceituosa e

etnocêntrica, **ou seja**, que leva em consideração e se baseia apenas na cultura e nos valores de quem está observando os ritos religiosos. Os índios Guarani Mbyá, que têm aldeias em Angra dos Reis e Paraty, são considerados os “teólogos da floresta”. A religião é um dos traços mais marcantes dessa tribo.

(...)

A literatura também foi menosprezada. Os diferentes povos produziram uma literatura sofisticada, que foi menosprezada **porque** as línguas eram ágrafas, **ou seja**, sem escrita. Ela foi passada de geração a geração através da tradição oral. **Mas**, a partir do século passado, vários estudiosos recolheram no Pará e no Amazonas literatura oral de qualidade. Um deles foi o General Couto de Magalhães. Curioso, ele aprendeu a língua nheengatu só para conhecer as histórias dos índios. **Por isso**, certa vez ele comentou: “um povo que ensina que a inteligência vence a força é um povo altamente civilizado, é um povo altamente sofisticado”.

TERCEIRO EQUÍVOCO: CULTURAS CONGELADAS

A maioria dos brasileiros criou a imagem de como deveria ser o índio: nu ou de tanga, no meio da floresta, de arco e flecha. Aquele que foi descrito por Pero Vaz de Caminha. Essa imagem foi congelada até os dias de hoje. Quando o índio não se enquadra nessa imagem a reação das pessoas é dizer: “ah, ele não é mais índio!”.

Com isso cria-se uma nova categoria, a dos ex-índios. Aquele que usa calça jeans e fala português. **Mas** a calça jeans, tão usada no Brasil, não foi inventada por um brasileiro! **Assim como** a tecnologia do telefone e do computador também não. E nem por isso a sociedade consumidora desses produtos deixa de ser brasileira...

Se o índio fizer o mesmo, ele deixa de ser índio? Por quê? Isso mostra que não concedemos à cultura indígena aquilo que queremos para a nossa: entrar em contato com outras culturas e, conseqüentemente, mudar.

QUARTO EQUÍVOCO: ÍNDIOS FAZEM PARTE DO PASSADO

Existe um texto sobre a biodiversidade, escrito em 1997, do ponto de vista de um índio, que Jorge Terena escreveu: sobre as conseqüências graves do colonialismo. O grande problema está em taxar a cultura indígena de primitiva.

“Eles veem a tradição viva como primitiva **porque** não segue o paradigma ocidental. Tudo aquilo que não é do âmbito do ocidente é considerado do passado, desenvolvendo uma noção equivocada em relação aos povos tradicionais, sobre o seu espaço na história.”

(...)

QUINTO EQUÍVOCO: O BRASILEIRO NÃO É ÍNDIO

Outro grande erro do brasileiro é não considerar a existência do índio na formação da sua identidade. O povo brasileiro foi formado nos últimos cinco séculos com a contribuição das matrizes:

- 1 - Europeias: representadas pelos portugueses, espanhóis, franceses, italianos, alemães, poloneses etc.
- 2 - Africanas: representadas pelos sudaneses, yorubás, nagôs, gegês, ewes, haussá, bantos etc.
- 3 - Indígenas: representadas pelas famílias linguísticas como o tupi, o karib, o aruak, o jê etc.

A tendência do brasileiro é se identificar com o vencedor, ou seja, a matriz europeia. E deixar de lado as influências africanas e indígenas. O índio permanece vivo em cada um de nós, **mesmo que** não saibamos disso. É uma questão cultural. Quando aquele descendente de alemão lá de Santa Catarina, louro, de olhos azuis, começa a rir, do que ele vai rir? Do que vai sentir medo? Com quem ele sonha? Ao fazer suas opções de culinária, música, dança e poesia, quais são os seus critérios de seleção? É aí que afloram as heranças culturais, incluindo a indígena e a negra.

José Ribamar Bessa, Coordenador do Programa de Estudos dos Povos Indígenas da
UERJ.

Disponível em: <http://www.conexaoaluno.rj.gov.br/especiais-19f.asp>

PRIMEIRO EQUÍVOCO
SEGUNDO EQUÍVOCO
TERCEIRO EQUÍVOCO
QUARTO EQUÍVOCO
QUINTO EQUÍVOCO

3. Com isso cria-se uma nova categoria, a dos ex-índios. Aquele que usa calça jeans e fala português. **Mas** a calça jeans, tão usada no Brasil, não foi inventada por um brasileiro! **Assim como** a tecnologia do telefone e do computador também não. E nem por isso a sociedade consumidora desses produtos deixa de ser brasileira...

Substitua os conectivos destacados por outros de mesmo sentido.

4. “(...) a calça jeans, tão usada no Brasil, não foi inventada por um brasileiro! **Assim como** a tecnologia do telefone e do computador também não”.

Reescreva este trecho sem o uso de nenhum conectivo.

5. “Essa imagem foi congelada até os dias de hoje. Quando o índio não se enquadra nessa imagem a reação das pessoas é dizer: “ah, ele não é mais índio!”

Substitua o ponto final da primeira oração por um conectivo.

Aula 6: Tese e argumento

Caro aluno, agora, iremos analisar um texto em que veremos claramente o seu autor apresentando seu ponto de vista em relação a algum assunto. A este texto chamaremos de dissertativo-argumentativo. Dissertar é falar algo sobre determinado assunto e argumentar é trazer seu **ponto de vista** sobre esse assunto. Então, um texto dissertativo-argumentativo seria aquele em que você mostra ao leitor que está falando sobre um assunto e, ao mesmo tempo, posicionando-se em relação a ele. Vamos entender melhor lendo um artigo de opinião, gênero já visto no 2º bimestre:

Uma visão da adolescência

Quando definimos a adolescência, estamos definindo significações, interpretando a realidade a partir de realidades sociais e de marcas que serão referências para a constituição dos sujeitos (OZELLA In JEFERRY, 2002).

O conceito de adolescência, como fenômeno social e fisiológico, tem suas raízes na antiguidade (CHIPKWITCH, 1995). Platão em seus diálogos mencionava os jovens apaixonados e emotivos. Aristóteles, seu aluno, discutia sobre o desenvolvimento humano, no qual os estágios progressivamente mais altos da alma culminavam aos 14 - 21 anos de idade. Durante a Idade Média, crianças e adolescentes eram visto como adultos em miniatura, sendo descartados no que se refere às pesquisas de cunho científico.

(...)

Fatos importantes dos séculos passados influenciaram na construção da identidade dos jovens (CHIPKWITCH, 1995). A Revolução Industrial foi pioneira neste sentido, imprimindo as primeiras mudanças à sociedade nos séculos XVIII e XIX. A industrialização levou à progressiva urbanização da sociedade, ao surgimento da burguesia e da família nuclear, do ensino obrigatório, dos meios de comunicação de massa e dos progressos científicos e tecnológicos. A melhoria do nível de vida se refletiu no padrão demográfico das populações, diminuindo as taxas de natalidade e

mortalidade infantil, aumentando a expectativa de vida. Estes aspectos contribuíram para uma maior valorização da infância durante a Revolução Industrial. A mudança de família extensa e predominantemente rural para a família nuclear criou novas divisões entre os papéis sexuais e entre diferentes grupos etários e maior intimidade entre pais e filhos. Os adolescentes passaram a ser mais percebidos e valorizados.

Porém, foi, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial que a formação da cultura jovem ganhou um pronunciado relevo social, cultural e político. A população adolescente aumentou significativamente em muitos países, tanto em números absolutos como em proporção da população geral, em virtude da queda de mortalidade infantil e aumento da fecundidade que produziu uma explosão demográfica - a chamada geração “baby boom”.

A escolarização e a ¹segregação etária ²engendraram o fenômeno mais proeminente que marcou a evolução da adolescência no século XX - o nascimento da cultura jovem. A convivência prolongada em grupos de pares dentro da escola e em situações sociais paralelas (clubes, festas, atividades esportivas) propiciaram o desenvolvimento da “subcultura” adolescente, caracterizada por roupas, linguagem, modismos, atitudes e comportamentos específicos, que a distinguem do mundo adulto. A oposição ao mundo adulto se tornou um dos objetivos básicos da cultura jovem.

Atualmente, a concepção adolescente constitui-se uma séria preocupação política e social. Comportamentos de risco como o uso e abuso de drogas, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, HIV e suas consequências médico-sociais têm alta prevalência entre adolescentes, e o mito da adolescência como um período saudável já não pode mais ser sustentado.

Viviane Luzia Prestes Anchieta, Psicóloga.

Disponível em: <http://www.pucrs.br/mj/artigo-30.php>

¹**segregação etária**: entre os adolescentes, foi a criação de um grupo separado do mundo adulto em que somente adolescentes convivem. São os grupos de amigos da escola, das ruas, enfim das diversas atividades em que apenas dolescentes são aceitos. O dicionário online traz o seguinte significado para a palavra “segregação”:

Forma de dissociação que se realiza quando unidades similares, obedecendo ao mesmo impulso, se concentram, distanciando-se, ao mesmo tempo, de outras unidades consideradas diferentes ou divergentes. Essa separação ou distância social e física provém de fatores biológicos e sociais.

Disponível em: <http://www.dicio.com.br/segregacao/>

A palavra “**etária**” é um adjetivo que diz respeito à “idade”.

²**engendrar**: gerar. Fonte: <http://www.dicio.com.br/engendrar/>

Caro aluno, a psicóloga Viviane Luzia nos apresenta um texto cujo assunto é “adolescência”. Em sua dissertação sobre o assunto, ela traz seu posicionamento quanto a este assunto: “**(...)o mito da adolescência saudável já não pode ser mais sustentado**”. Daí poder ser chamado de um texto dissertativo-argumentativo.

Para comprovar seu ponto de vista, ela parte de uma retrospectiva histórica da adolescência até chegar na atualidade. Neste ponto-final, ela mostra como o comportamento do adolescente mudou e como isso prejudicou sua formação atual. Ela não culpa o próprio adolescente da condição de participar de uma “adolescência não mais saudável”. Antes, ela atribui a fatores sociais e históricos o motivo de tal cenário.

As partes de um texto dissertativo-argumentativo

As três partes principais em que se divide uma dissertação-argumentativa são: **introdução, desenvolvimento e conclusão.**

1. **Introdução:** Nesta primeira parte da redação, o autor expõe o assunto do qual irá tratar em seu texto e a perspectiva pela qual ele o desenvolverá. No artigo da psicóloga Viviane Luzia, o primeiro parágrafo apresenta o assunto e a perspectiva: o olhar histórico. Ela diz que para definir adolescência, deve-se interpretar as “realidades sociais e as marcas que serão referências para a constituição dos sujeitos”.
2. **Desenvolvimento:** Nesta segunda parte, são separados, geralmente, dois parágrafos, para apresentação dos **argumentos** que serão base para defender a

tese (=o ponto de vista) do autor. A retrospectiva histórica feita pela psicóloga é uma forma de defesa de seu ponto de vista e busca mostrar o porquê de a adolescência encontrar-se como se vê na atualidade.

TESE é o ponto de vista acerca do tema. É necessariamente polêmica. A TESE é, portanto, uma afirmação a ser comprovada. Ex.: Se alguém diz: o aborto precisa ser descriminalizado no Brasil; temos uma tese, um ponto de vista (polêmico).

A TESE é sustentada, é defendida com argumento (s).

ARGUMENTO é a razão, a justificativa, a explicação, a prova que afirma ou nega um fato. É o recurso empregado para convencer alguém de algo. Ex.: O aborto precisa ser descriminalizado no Brasil, **pois a mulher tem o direito de decidir o que acontecerá com seu corpo.**

3. **Conclusão:** Finalmente, chega-se ao final da redação, momento em que se fecha todo o raciocínio argumentativo. Neste ponto, o leitor já passou por todas as propostas apresentadas na introdução, entendeu os argumentos que defendem o ponto de vista e que forma expostos no desenvolvimento e, agora na conclusão, sente-se confortável com o fechamento da questão, seja para concordar ou ainda, para discordar do ponto de vista apresentado. No caso do texto lido, a autora fecha seu raciocínio afirmando sua visão da adolescência atual, totalmente embasada no que desenvolveu ao longo do texto. A conclusão pode trazer, ainda, uma solução para um determinado problema discutido no texto. Ex. um texto que fala sobre violência doméstica poderá trazer na conclusão sugestões de como se lutar contra tal situação.

Atividade 6



O texto dissertativo a seguir foi retirado de <http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/> (Banco de redações UOL). É um texto produzido por alunos como você. Alunos que pretendem realizar o ENEM ou outro processo seletivo que tenha este texto com um dos instrumento de avaliação. A proposta foi: Deve ou não haver maior controle sobre o consumo do álcool? A nota atribuída ao texto abaixo foi 10 (dez).

Texto referente às atividades 1, 2 e 3

Álcool X Diversão

O alcoolismo é, sem dúvida, um dos maiores problemas de saúde pública no Brasil, e as medidas do governo para controlar o excesso na bebedeira sempre foram alvo de muitas discussões. Neste momento, diante dos interesses econômicos de empresas ligadas ao patrocínio da Copa do Mundo da FIFA em 2014 no Brasil, fala-se em liberar o consumo de bebidas alcoólicas nos estádios de futebol durante os jogos, uma questão descabida e um desrespeito à saúde dos cidadãos.

Todos os estudos dos órgãos ligados à segurança pública que foram feitos nos arredores das arenas de futebol, após a proibição da comercialização e consumo de álcool, apontam uma redução considerável da violência entre as torcidas. Por isso, não há nenhum motivo plausível que corrobore com a suspensão dessa medida proibitiva, considerada um avanço no sentido de preservar a segurança dos torcedores, bem com das famílias que frequentam os estádios.

É consenso que os eventos esportivos a serem realizados aqui no Brasil nessa década são altamente lucrativos e conferem ao país uma visibilidade sempre desejada no cenário internacional. Porém, a legislação brasileira não deve estar ao dispor de interesses capitalistas de empresas parceiras da FIFA ou de qualquer outra instituição, sobretudo quando se trata da saúde e da segurança tanto filhos de sua soberania e quanto dos visitantes de todo o mundo.

Em suma, o governo brasileiro deve manter-se firme na decisão de proibir tanto a venda como o consumo de bebidas alcoólicas nos estádios de futebol, independente das circunstâncias, a fim de proteger as pessoas e também reafirmar todas as outras medidas legais para controlar o alcoolismo. A nós outros, cabe a consciência de que a embriaguez é plenamente desnecessária à diversão.

QUESTÃO 01

Qual é a tese (o ponto de vista) do autor do texto?

QUESTÃO 02

Cite um argumento usado para defender o ponto de vista.

QUESTÃO 03

Na conclusão de um texto dissertativo-argumentativo, o autor pode retomar, reafirmar o que foi dito, propor uma solução. Na conclusão deste texto, qual é postura do autor?

Avaliação

Agora é hora de conferir o que aprendeu. Vamos lá!

A FELICIDADE NÃO EXISTE

Felicidade: haverá tema mais infeliz? É o único conselho: não vale a pena seguir conselhos. Livros de autoajuda são livros de antiajuda. Transformam a felicidade em direito e, coisa pior, em dever. Conheço casos: gente que começou infeliz lendo um desses manuais e, no final da odisseia, estava mais infeliz ainda.

Se assim é para os indivíduos, o cenário piora para as nações. Falar de um "país feliz" é tão absurdo como falar de um "hipopótamo voador". Os países não são pessoas. Mas os políticos tentam.

As pessoas não são números. São pessoas: distintas, irrepetíveis. Muitas vezes insondáveis e insolúveis. E aquilo que as torna felizes, ou infelizes, varia de caso para caso - e, mais ainda, de momento para momento. De nada vale eu responder ao Censo que me sinto feliz hoje quando, ainda ontem, eu estava infeliz da vida.

Mas a felicidade não é apenas um conceito deslocado para pensarmos politicamente; é sobretudo perigoso. A ideia 'utilitarista' de que o governo deve perseguir sempre 'a maior felicidade para o maior número', apesar do seu agradável apelo democrático, pode legitimar situações intrinsecamente desumanas ou imorais.

O Estado quer "promover" a felicidade? Muito simples: basta que se retire das vidas individuais sem exercer sobre elas qualquer poder paternal, autoritário, totalitário.

Quando um Estado pergunta "quão feliz você se sente?", só é possível responder a isso com uma nova pergunta: "E o que você tem a ver com o assunto?"

João Pereira Coutinho

Disponível em <http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/a710.htm>

QUESTÃO 01

O título do texto já enuncia a tese o ponto de vista do autor do texto. Desse modo, cite um argumento usado para defender o ponto de vista.

(...) Livros de autoajuda são livros de antiajuda (...) (1º parágrafo). Isso quer dizer que os livros de autoajuda ao invés de ajudarem:

- a) perturbam as pessoas
- b) impedem que o homem se ajude
- c) promovem uma ação contrária ao que se propõem
- d) trazem palavras contrárias ao desenvolvimento humano

QUESTÃO 02

Considerando o contexto, as palavras destacadas no 3º parágrafo poderiam ser substituídas por:

- a) diferentes e razoáveis b) razoáveis e sensíveis
- c) diferentes e incompreensíveis d) incompreensíveis e insolúveis.

QUESTÃO 03

(...) gente que começou infeliz lendo um desses manuais (...) (1º parágrafo) A expressão destacada substitui que palavra mencionada anteriormente?

QUESTÃO 04

(...) E aquilo que as torna felizes, ou infelizes, varia de caso para caso - e, mais ainda, de momento para momento.(...) Uma afirmação que se relaciona a este trecho é:

- a) A felicidade é relativa, dependente b) A felicidade é uma conquista
- c) A felicidade tem seu preço d) A felicidade só é possível com muito esforço

QUESTÃO 05

A conclusão do texto nos leva a crer que o autor do texto:

- a) não aprova livros de autoajuda doados pelo governo
- b) não aprova a interferência do estado na vida pessoal dos cidadãos
- c) não aprova a felicidade
- d) não aprova as pesquisas de opinião sobre felicidade

Pesquisa

Caro aluno, agora que já estudamos todos os principais assuntos relativos ao 3º bimestre, é hora de ir além, pesquisar.

Seu desafio será o de criar uma apresentação sobre a influência indígena e africana na cultura do Rio de Janeiro: música, culinária, roupas, brincadeiras, provérbios... Converse com seus professores de história, geografia, literatura, língua portuguesa. Peça ajuda, caso seja necessário. Você verá que a influência dessas culturas é mais comum do que se imagina.

Não esqueça de citar as fontes de cada texto que você utilizar como base para seu trabalho!

Boa pesquisa!

Referências

[1] ABAURRE, Maria Luíza M., ABAURRE, Maria Bernadete M. *Produção de Texto: Interlocução e Gêneros*. 1ª edição. São Paulo: Moderna: 2012.

[2] _____, PONTARA, Marcela. *Literatura: Tempos, leitores e leituras*. 1ª edição.

São Paulo: Moderna, 2010.

[3] ABREU, Antônio Soares. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê, 2001.

[4] CAETANO, Marcelo José. *Itinerários africanos: do colonial ao pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa*.

Disponível em:

http://www.revistafenix.pro.br/PDF11/Dossie.artigo.6_Marcelo.Jose.Caetano.pdf.

[5] KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

[6] KÖCHE, Vanilda Salto. BOFF, Odete Maria Benetti. MARINELLO, Adiane Fogali. *Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

[7] MACÊDO, Tania e CHAVES, Rita. *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas – Angola*. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2007.

PINGUILLY, Yves. *Contos e lendas da África*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SITES PESQUISADOS:

Lendas indígenas.

Disponíveis em: <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Ldindio.html>

Acessado em 15/08/2013.

Provérbios africanos.

Disponíveis em:

<http://www.geledes.org.br/patrimonio-cultural/artístico-esportivo/manifestacoes-culturais/13907-proverbios-africanos>. Acessado em: 15/08/2013.

Equipe de Elaboração

COORDENADORES DO PROJETO

Diretoria de Articulação Curricular

Adriana Tavares Maurício Lessa

Coordenação de Áreas do Conhecimento

Bianca Neuberger Leda
Raquel Costa da Silva Nascimento
Fabiano Farias de Souza
Peterson Soares da Silva
Marília Silva

PROFESSORES ELABORADORES

Andréia Alves Monteiro de Castro
Aline Barcellos Lopes Plácido
Flávia dos Santos Silva
Gisele Heffner
Leandro Nascimento Cristino
Lívia Cristina Pereira de Souza
Tatiana Jardim Gonçalves